

Tradução do texto do vídeo “Horizon – Before Babel: in search of the first language”

Trecho: 30 a 40min

Traduzido por: Luciana Vernilo (IELP I - )

Estes povos distantes e suas línguas são bastante vivas para Vitaly Ilich.

- Este poema foi escrito por um sueco e foi encontrado em arquivos sob sua mesa. É em nostrático e rima, e os verbos não estão no fim da frase, claro, senão não iriam rimar.

“poema”

- Quem você acha que são as pessoas que têm medo das ‘águas profundas’?

- Muitos linguistas, com certeza. E é estranho, porque muitos linguistas são contrários a nossas ideias porque ampliou demais o horizonte da Linguística...

Um desses críticos inveterados é Don Ringe, da Filadélfia. Muitos de seus argumentos falam da durabilidade das palavras e como as línguas mudam através de milhares de anos.

- O que eu posso dizer é que a taxa básica de perda de vocabulário tem um limite de cerca de dez ou doze mil anos. Isso é quanto podemos retroceder para reconstituir proto-línguas usando métodos científicos, e não deveria ser uma surpresa que as línguas mais reconhecidas – Indo-europeia, Algonquiano, Afro-asiática, Urálico etc - começaram a divergir a partir dessa faixa de dez mil anos atrás.

Para Ringe, o problema é este: pegue uma língua antiga, com mais de dez mil anos. Ela passa de geração a geração, em um contexto em que populações se separam, mudam e se misturam. As mudanças na língua se acumulam, consumindo a língua original. Sons mudam e novas palavras surgem. Depois de dez mil anos, não há como ter certeza de que alguma palavra original foi mantida. Mas os estudiosos do Nostrático acreditam que palavras essenciais como pronomes, partes do corpo e outras, persistiram devido a importância que têm para o povo falante da língua. São essas palavras que eles procuram, e cada família da língua-mãe que sobreviveu. Para Ringe, mesmo que haja certas palavras similares na variedade de línguas hoje, não há provas de que sobreviveram a uma proto-língua original.

- Quando se tem a maior parte das palavras perdidas e apenas algumas restantes, você não pode distinguir similaridades reais que vêm de uma fonte comum e outras que derivaram de uma simples mudança, resíduos, por assim dizer. Há um limite real, quando retrocedemos no tempo, do quanto podemos reconstruir.

- Isso não é verdade. Veja o Indo-europeu, o proto-Indoeuropeu, havia muitas palavras. Por exemplo, a palavra que foi reconstruída do indo-europeu ‘nephew’ é ‘nepot’. Se você for à Romênia hoje e perguntar qual a palavra para ‘sobrinho’ lá, verá que é ‘nepot’. Em seis mil anos a palavra não mudou em nada. Há muitos outros exemplos. A palavra indo-europeia para ‘rato’ é ‘mus’, que se manteve no inglês arcaico e só se tornou ‘mouse’ recentemente. Ainda existe como ‘mus’ em latim e grego e em outras línguas. Veja o austronésio, a família austronésia, que é ainda mais antiga que a indo-europeia. Você verá que as reconstruções do austronésio são praticamente idênticas a línguas

austronésias modernas. Portanto, a ideia de que tudo mudou depois de sete ou oito mil anos simplesmente não é sustentada pelas evidências empíricas.

A disputa parece estar em um impasse, com linguistas mais radicais, como Ruhlen e Greenberg, (...). Mas agora suas ideias receberam respaldo de pesquisas genéticas.

- O que nós fazemos na biologia é uma comparação bilateral, mas testamos todas as possibilidades.

Os linguistas de Stanford têm um aliado no geneticista Luigi Cavalli-Sforza.

- (...) Eles dizem que duas línguas são relacionadas ou não depois de fazer uma comparação. Porém, eles precisam perceber que há um grau de relacionamento entre elas e que é muito importante considerar isso. Do contrário, não se pode fazer nada.

Os métodos de Cavalli-Sforza envolvem descobrir relacionamentos históricos entre populações por semelhanças em seus genes, mais do que por suas línguas. Como os linguistas, sua equipe de pesquisa encontrou um desafio entre o povo basco. A idade e peculiaridade de sua língua sugeriram que os bascos podem ter preservado algumas características raciais particulares ao longo do tempo. Se os bascos forem realmente isolados como sua língua sugere, isso ficará evidente no seu mapeamento genético. Novas técnicas em análise genética possibilitam uma visão mais detalhada de indivíduos e populações com apenas algumas células. Nesse caso, as de um folículo capilar. As últimas evidências mostram a natureza única dos bascos e a genética apoia os indícios linguísticos.

- Todas as pesquisas linguísticas mostram que o Euskara não é uma língua indo-europeia. Então a linguística, genética e arqueologia indicam que a população basca ficou isolada, mas por quê? Eu acho que a cultura é muito importante. Cultura e língua podem impedir uma população de se misturar. Então língua, genética e cultura estão sempre juntas na nossa terra.

- Bascos foram reconhecidos como geneticamente diferentes há muito tempo. Bascos são tão diferentes que devem ter sido proto-europeus. Pesquisas mais recentes confirmaram essa declaração e nós realizamos estudos que mostraram que o passado genético dos europeus veio do oriente-médio. Bascos estavam lá antes. Eles provavelmente descendem dos povos que fizeram pinturas em rochas no sudeste da França e no norte da Espanha.

Se a genética pode confirmar a identidade linguística de um grupo, será que pode confirmar outras descobertas linguísticas como a classificação controversa de Greenberg das línguas ameríndias? Cavalli-Sforza coletou amostras de uma série de povos nativo-americanos. Quando as amostras foram analisadas em seu laboratório em Stanford, ele constatou uma confirmação contundente dos agrupamentos de Greenberg.

- Quando coletamos todos os dados dos nativo-americanos, eles se dividiram em três categorias, e todas correspondem exatamente às famílias linguísticas postuladas por Greenberg. Não só isso, mas a família mais heterogênea geneticamente é também a linguisticamente mais heterogênea de todas.

Claramente a próxima questão é: como pode a genética contribuir com a área mais contenciosa de todas? Traçar as línguas de volta em super-famílias e até a uma única proto-língua da qual as demais descendem.

- Se a língua se espalha principalmente pela dispersão de pessoas, então deveria haver uma forte correlação entre afinidade genética e afinidade linguística. Há evidências de que seja assim mesmo. Se tomarmos a família nostrática, as pessoas que falam línguas nostráticas parecem ter relação genética.

Esta é a árvore que os linguistas desenvolveram para explicar as relações familiares entre as línguas do mundo e que remete a uma origem comum na África. Com pequenas variações e uma abordagem genética completamente distinta de Cavalli e seus colegas, mostra uma classificação de grupos de falantes de uma língua e que respalda a conexão com diferentes famílias. E ambas as árvores sugerem que os primeiros humanos vieram da África. A esta altura, são sustentados por outra área de pesquisa. Ao procurar as origens do *Homo sapiens*, paleontologistas percorreram toda a África e o Oriente-Médio em busca de vestígios com características humanas. Suas descobertas sobre humanos formando as primeiras sociedades, pode servir de apoio para teorias de que existia uma primeira língua complexa.

- Uma das questões fundamentais da Antropologia atualmente é: quanto devemos retroceder no tempo até achar um ancestral comum para todos os tipos de humanos que vemos pelo mundo? Bem, temos aqui a reconstrução de um crânio de um espécime encontrado na Etiópia em 1967. Esse espécime tem provavelmente mais de cem mil anos de idade e minha pesquisa, e de colegas, mostrou que ele é anatomicamente moderno e há várias provas que indicam que a África, ou talvez o Oriente-Médio, seja o lugar com as primeiras ocorrências de humanos modernos. A linguagem moderna deve existir há pelo menos quarenta mil anos, pois há evidências de comportamentos complexos entre humanos. Por exemplo, na Europa, os Cro-Magnons possuíam sistemas sociais complexos, comportamento simbólico, arte, muitas coisas que associamos com humanos modernos e caçadores-coletores por todo o mundo. Então, eu acredito que, naquele tempo, deveria haver uma língua moderna. Mas, voltar ainda mais, fica muito difícil traçar a existência de tal língua. Eu diria que, nos primeiros estágios de desenvolvimento desses povos, isso foi há cem mil anos na África.